

O IMPACTO DO PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL E NA CARREIRA NA PERSPECTIVA DOS BOLSISTAS DA UFMG¹

The impact of Program "Science Without Borders" on vocational training and career in the perspective of the Scholarship holders from UFMG

GOMES, Catarina Barbosa Torres²

RESUMO

Este texto aborda uma das dimensões exploradas em recente pesquisa de doutorado³ sobre as desigualdades de oportunidades educacionais como um fenômeno que se evidenciou no estudo do perfil social e acadêmico dos estudantes da UFMG, contemplados pelo programa de mobilidade internacional "Ciência sem Fronteiras"⁴, criado em 2011, pelo governo federal. A despeito do principal objeto dessa pesquisa, os dados obtidos revelaram diversas expectativas dos entrevistados a respeito dos possíveis impactos desse intercâmbio em sua formação profissional e carreira. Portanto, esse trabalho tem o propósito de demonstrar as diferentes motivações subjacentes à opção pelo intercâmbio, relacionadas a esse factível impacto. A referência metodológica para essa questão de pesquisa baseou-se na análise de conteúdo, por meio do estabelecimento de categorias que orientaram o estudo qualitativo do discurso dos entrevistados. Constituíram-se como principais categorias de análise motivadoras do intercâmbio para fins profissionais e de carreira: a influência familiar, a opção pelo país e a universidade de destino⁵, o estabelecimento de networkings (capital social), a aprendizagem de língua estrangeira para o aprimoramento profissional, o contato com diferentes culturas e ainda a possibilidade da pós-graduação, tendo em vista a especialização para a carreira de pesquisa e docência universitária. A conclusão é a de que o intercâmbio é uma oportunidade ímpar que se estende para além dos benefícios pedagógicos e culturais previstos.

Palavras chave: Intercâmbio. Formação profissional. Carreira.

ABSTRACT

This text discusses one of the dimensions explored in recent doctoral research on inequalities in educational opportunities as a phenomenon that was evidenced in the study of the social and academic profile of UFMG students of the International Mobility Program "Science Without Borders", established in 2011, by the federal government. Despite the main object of this research, the data obtained revealed several expectations of the interviewees, regarding the possible impacts of the mobility in their professional training and career. Therefore, this work has the purpose of demonstrate the different motivations underlying the option for exchange related to this feasible impact. The methodological reference for this research question was based on content analysis, through the establishment of categories that guided the qualitative study of the interviewees' discourse. The main categories of analysis motivating the exchange for professional and career purposes: The family influence, the choice of the country and the University of destination, the establishment of networkings (social capital), the learning of foreign language for professional improvement, contact with different cultures, and also the possibility of postgraduate studies with a view to the specialization. The

¹ Este texto não foi publicado em nenhum encontro ou evento científico; (ii) passou pela avaliação do COEP e foi aprovado conforme parecer Nº 576.154 relatado em 03/04/2014; (iii) não contou com financiamento; (iv) É fruto de pesquisa de doutorado realizado na Faculdade de Educação (FaE/UFMG);

² Doutora e Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da UFMG; Graduação em Filosofia pela UFOP; Professora do Ensino Médio e Superior do CEFET/MG – Uned. Araxá. Email: catbtorres@hotmail.com e catarina.gomes@araxa.cefetmg.br

³ Pesquisa orientada pela Prof^ª. Dr^ª. Maria Alice Nogueira com enfoque nas desigualdades de oportunidades ao acesso à internacionalização da formação, defendida em outubro de 2016.

⁴ Doravante CsF

⁵ Países e Universidades conveniados ao Programa Ciência sem Fronteiras

conclusion is that the exchange is a unique opportunity that extends beyond the anticipated pedagogical and cultural benefits.

Keywords: Exchange. Vocational training. Career.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo fundamenta-se nos resultados obtidos no levantamento de dados para uma recente pesquisa de doutorado realizada na Faculdade de Educação da UFMG na linha de pesquisa Sociologia da Educação, cujo objetivo era investigar o fenômeno das desigualdades sociais de acesso à mobilidade estudantil internacional ofertada pelo Programa “Ciência sem Fronteiras”, criado em 2011, pelo Governo Federal. Embora a tese tenha investigado o acesso dos pesquisados à formação acadêmica internacional como fenômeno intrínseco à obtenção, ainda precoce, de diversas oportunidades educacionais, buscou-se conhecer e explorar a relação desses estudantes com o intercâmbio em suas distintas dimensões como a formação profissional e a preparação para a carreira, conteúdo deste trabalho.

A mobilidade acadêmica internacional no Brasil ampliou-se em larga escala em decorrência do Programa “Ciência sem Fronteiras”. Contudo, a relação com a formação profissional e com o desenvolvimento da carreira não tem sido objeto de muitos estudos. Embora haja alguma literatura que enfoca o tema sob a perspectiva da formação de capital humano, cabe evidenciar os possíveis impactos que esse amplo Programa teria na carreira e profissão segundo a percepção de seus beneficiários.

O artigo está estruturado em três tópicos. No primeiro, elucida algumas de suas dimensões conceituais quando enfoca a mobilidade acadêmica internacional como fenômeno histórico. No segundo, apresenta-se a metodologia, seguida da análise dos dados sob a ancoragem conceitual das categorias manifestadas no discurso do pesquisado.

1.1 A MOBILIDADE INTERNACIONAL ESTUDANTIL NO ENSINO SUPERIOR: FENÔMENO EM EXPANSÃO

Na segunda metade do século XX, com o desenvolvimento do processo de globalização, os sistemas educacionais sofreram os impactos desse movimento que abarca o fluxo mundial de bens, serviços, tecnologia, conhecimentos, pessoas, ideias, costumes (Knight, 2004; 2012). A educação passa a ser uma das dimensões sociais mais afetadas pela globalização, constituindo-se em objeto de intervenções diretas e indiretas de organismos internacionais como a Organização Mundial do Comércio (OMC) que se ocupa, desde então, da regulamentação do comércio de serviços nessa área.

Dentre as estratégias dos Estados nacionais para fazer face a esses novos parâmetros mundiais, figuram investimentos na internacionalização do ensino superior que, nos termos de Morosini (2006), resultam do esforço sistemático para que esse nível de ensino responda aos desafios e requisitos de uma sociedade cuja economia e mercado de trabalho são agora globalizados.

As sociólogas da educação, Darchy-Koerchlin & Van Zanten (2005) consideram que a dimensão internacional dos sistemas de ensino e, em particular, dos sistemas de ensino superior, desde a década de 1990, tem se desenvolvido na maioria dos países

e desempenhado um papel fundamental no advento da lógica do mercado por meio de dois processos importantes: migração e internacionalização dos currículos. Assim, “a mobilidade acadêmica [...] parece ter se tornado incontestavelmente um componente da paisagem educacional na maior parte dos países do mundo”, enfatizam Dervin e Byram (2008, p. 9). Dados da Unesco, informam que “o número de estudantes universitários atualmente [em mobilidade] ultrapassa os 131 milhões, ao passo que eram 80 milhões há quinze anos” (RUANO-BORBALAN, 2011, p.442).

Na vanguarda de uma política abrangente de internacionalização do ensino superior, a União Europeia instituiu, pela via do Tratado de Bolonha, uma reforma universitária destinada à criação de um espaço de ensino superior europeu com equivalência em todos os países da Comunidade propiciando e incentivando a circulação dos estudantes europeus por todo o continente. Os dados estatísticos da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e da (UNESCO) revelam a cartografia do fenômeno da mobilidade, expondo no Atlas da Mobilidade Social a distribuição de alunos internacionais no mundo. Com efeito, as estatísticas calculadas por essas instituições mostram que os fluxos migratórios de estudantes incide a partir dos países ditos do “Sul” (menos desenvolvidos) para os países ditos do “Norte” (desenvolvidos). Desse modo, os estudantes originários dos países da América Latina, África e Ásia tendem a se dirigir para os Estados Unidos, Canadá e Europa Ocidental, onde o estágio de desenvolvimento do conhecimento é considerado mais avançado e cujas instituições universitárias desfrutam de maior reconhecimento e renome. A principal destinação dos alunos móveis são os EUA, cuja participação global no fenômeno é de 20%. O Reino Unido participa com 12% (em declínio) e França e Alemanha com (8%), Austrália com (7%), China com (7%) e Canadá com (5%) (ROBERTSON, 2011, p. 436).

1.2 A MOBILIDADE ESTUDANTIL NO BRASIL

No Brasil, a mobilidade acadêmica decorreu de uma política pública do Estado brasileiro, instaurada a partir dos anos 1950/60, após a criação das primeiras universidades. A oferta de bolsas de estudo no exterior, em diferentes modalidades (doutorado-sanduíche, pós-doutorado) era financiada, principalmente, pela Capes e pelo CNPq, e consolidou-se ao enviar professores universitários para cursar a pós-graduação fora do País. (NOGUEIRA, 2007).

Desde então, a mobilidade internacional no Brasil se intensificou fortemente no decurso dos últimos trinta anos, sendo que somente em 2003, dados da OCDE e da UNESCO contabilizaram 16.465 estudantes brasileiros no exterior, a maioria, isto é, 56%, cursando um doutorado (cf. Ennfaa, 2004-2005, p. 324-325).

Contemporaneamente, o quadro da mobilidade acadêmica para o exterior no Brasil ampliou-se, em razão da criação, em 2011, do Programa Ciência sem Fronteiras, iniciativa de natureza política que situou a mobilidade estudantil no contexto da internacionalização no ensino superior em um patamar mais abrangente. A quantidade de vagas e o financiamento do CsF representa o mais amplo investimento nessa área no País, e responde a uma estratégia nacional de adequação às políticas econômicas globais, ao mercado mundial de bens e serviços e às exigências do mundo do trabalho. Diante dessa nova contextualização dada à internacionalização da formação no Brasil durante a vigência do CsF, torna-se oportuno focalizar o Programa a partir das

perspectivas e expectativas daqueles que lograram se tornar um beneficiário de uma bolsa do Programa.

1.3 O PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS

O Programa consistiu em atividades de cooperação internacional e na concessão de bolsas de estudos no exterior, operacionalizadas no âmbito da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e do Ministério da Educação (MEC) em parceria com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Trata-se de uma política de Estratégia Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação (ENCTI) desenvolvida no período de 4 anos, respectivamente entre 2012-2015. A meta inicial do Programa era a de distribuir 101 mil bolsas, para estudantes universitários de diferentes níveis: graduação, pós-graduação e estágio pós-doutoral. O maior número de bolsas foi reservado para a graduação, tendo sido restritas às áreas de estudo consideradas “prioritárias”⁶, distribuídas entre as ciências exatas, naturais e a tecnologia.

Alguns critérios foram relevantes para que as instituições de ensino pudessem se conveniar ao Programa, como, por exemplo, que fossem vinculadas à Rede Federal de Educação Superior e de Educação Profissional e Tecnológica ou pertencessem ao sistema estadual de educação superior paulista, incluindo as instituições públicas e privadas brasileiras com Índice Geral de Cursos (IGC) maior ou igual a quatro⁷. Puderam ainda participar estudantes de instituições que tivessem IGC inferior a quatro, mas Conceito Preliminar de Cursos de Graduação (CPC)⁸ na área participante maior ou igual a quatro. A Capes estabeleceu que para participar do Programa, essas instituições deveriam apresentar propostas para os editais abertos pelo MEC, arrolando os cursos que pretendiam incluir. Após a avaliação, as universidades com suas propostas aprovadas receberam, para cada curso participante, um número de bolsas com o fim de enviar os seus estudantes às universidades estrangeiras.

1.4 A UFMG NO CSF: BREVE SUMÁRIO

A UFMG, por meio de sua Diretoria de Relações Internacionais (DRI), promoveu ações de divulgação do Programa CsF, prestando esclarecimentos sobre editais e instituições conveniadas. Ressalta-se que, por se tratar de uma instituição experiente⁹ na promoção de intercâmbios, havia uma estrutura, uma logística interna que possibilitou que a UFMG se destacasse dentre as Instituições de Ensino Superior públicas do

⁶ Áreas Prioritárias do Programa CsF: Engenharias e demais áreas tecnológicas; Ciências Exatas e da Terra; Biologia, Ciências biomédicas e da Saúde; Computação e Tecnologias da Informação; Tecnologia Aeroespacial; Fármacos; Produção Agrícola Sustentável; Petróleo, Gás e Carvão Mineral; Energias Renováveis; Tecnologia Mineral; Biotecnologia; Nanotecnologia e Novos Materiais; Tecnologias de Prevenção e Mitigação de Desastres Naturais; Biodiversidade e Bioprospeção; Ciências do Mar; Indústria Criativa (objetiva a criação de produtos e processos para desenvolvimento tecnológico e inovação); Novas Tecnologias de Engenharia Construtiva; Formação de Tecnólogos.

⁷ O IGC é um indicador de qualidade que avalia as instituições de educação superior calculado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP).

⁸ O CPC é um indicador de qualidade calculado pelo INEP, que avalia os cursos superiores.

⁹ Desde 1972, por meio dessa Diretoria, a UFMG gerencia convênios com universidades de diferentes países, incluindo a recepção de estudantes estrangeiros, integrando consórcios de cooperação acadêmico-científico com países da Ásia, África, América Latina, América do Norte, Austrália e Europa, mantendo a colaboração recíproca entre as áreas de novas tecnologias, ensino, pesquisa e extensão (DRI, 2015).

Estado de Minas Gerais, ocupando o primeiro lugar no Estado e o segundo no País, no envio de alunos¹⁰ ao exterior, pelo CsF. A maior parte de estudantes era da graduação,¹¹ e o restante¹², da pós-graduação. Quanto às áreas prioritárias predominantes destacaram-se as “Engenharias e demais áreas tecnológicas”, com o maior número de beneficiários, seguida da área de “Biologia, Ciências biomédicas e da Saúde”.

Os países que ocuparam as primeiras posições como opção de destino dos bolsistas da UFMG foram aqueles tradicionalmente procurados para essa finalidade, com destaque para os EUA e o Reino Unido.

2. MOBILIDADE CIENTÍFICA PARA A FORMAÇÃO DE CAPITAL HUMANO

A formação de estudantes para a aquisição de saberes científicos fundamentais para o desenvolvimento de pesquisas no campo da Ciência e Tecnologia (CT&I) tornou-se uma particularidade do CsF frente a outros programas de mobilidade promovidos pelas instituições de ensino superior no País. Dentre os objetivos do Programa que previa o atendimento à qualificação de estudantes para atender a demanda da indústria nacional, em tempos de incontestes avanços tecnológicos, cabe reconhecer sua pretensão de formação de capital humano. Tal premissa, inerente à sociedade do conhecimento, situa a educação como componente da produção, constituindo um dos principais fatores que impactam o desenvolvimento econômico do mundo.

Para os países emergentes, a promoção de programas de estudo no exterior representa interesses pela aquisição de novos saberes, criados e patenteados em países mais avançados, como defende Kim (1998). O objetivo desses programas é levar o estudante a se aprofundar em sua área de estudo para compreender os fenômenos em seu campo de atuação. A mobilidade estudantil, que ocorre do Sul para o Norte, visa expor o estudante ao conhecimento produzido por instituições de ensino superior que geralmente têm maior reconhecimento no campo científico, concordam Kim, 1998; Gürüz, 2011; Banks & Bhandari, 2012. A exemplo de outros programas de mobilidade, o CsF também está inserido nessa perspectiva do fluxo sul-norte.

A agenda do CsF, segundo o cientista político Eduardo Gomez (2012) e Spears (2014) responde a um esforço por investimentos na educação da juventude e parece capaz de avançar o capital intelectual do país (general intellect) além de melhorar a infraestrutura em STEM (Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática) relacionadas à indústria. Um programa de mobilidade científica precisa ser visto como uma das dimensões essenciais ao crescimento econômico, sobretudo, por estar atrelado à dinâmica de desenvolvimento dos sistemas nacionais de aprendizado tecnológico fundamentado na “absorção de tecnologias dos países industrializados por meio do processo de learning-by-doing¹³, acrescenta a pesquisadora Vânia Pereira (2015, p.105).

A economia e a produção industrial dependem de investimentos em formação escolar e acadêmica, com ênfase em ciência e tecnologia, afirmam Chiarini e Vieira (2012).

¹⁰ (N= 4098) = 9% dos matriculados naquele ano.

¹¹ 85% de 4098.

¹² 15% de 4098.

¹³ Aprender fazendo. (tradução livre)

Nessa perspectiva reside o consenso de que a produção de conhecimento científico no Brasil, apesar de bem qualificada, ainda encontra-se desvinculada das necessidades do processo produtivo, ao contrário do que ocorre com os países em situação econômica similar como a China, a Índia e a Coréia do Sul. Apesar da dimensão que a tecnologia ocupa no mundo atual, e de sua influência nas economias mais desenvolvidas, em nosso País, ela tem sido alijada do processo de produção do conhecimento, refletindo certo distanciamento e desinteresse por parte do empresariado que concebe a inovação como custo e não, como investimento (PEREIRA, 2015).

3. METODOLOGIA

A metodologia descrita neste trabalho compreende o *locus* e o recorte da pesquisa, delimitando seu contingente, suas características estruturais, além de explicitar seu *modus operandi*.

3.1 TIPO DE ESTUDO E POPULAÇÃO DA PESQUISA

O presente estudo é qualitativo e resulta da análise de conteúdo de um conjunto de depoimentos escritos. A população pesquisada consiste de um universo de 1538 estudantes dos cursos de graduação da UFMG, pertencentes a todas as áreas prioritárias, os quais se beneficiaram de bolsa do Programa CsF no ano de 2013 (com término do intercâmbio previsto para 2014), em resposta aos editais da CAPES e do CNPq.

3.2 PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE DADOS

O planejamento da pesquisa empírica implicou na definição de duas frentes de trabalho para a coleta de dados. A primeira consistiu na coleta de dados secundários da PROGRAD/COPEVE/UFMG¹⁴ e do banco nacional de dados do CNPq, e a segunda, na produção de dados primários, obtidos a partir da aplicação de um questionário – com questões fechadas e abertas – a uma amostra extraída do universo acima mencionado.

3.2.1 A COLETA DE DADOS SECUNDÁRIOS

A análise de dados secundários realizou-se por meio do acesso a um Data mart nacional do CNPq,¹⁵ o qual continha o cadastro de todos os alunos beneficiados com a bolsa para participar Programa CsF, no período de 2012 a 2013, contendo uma planilha com dados (nome, sexo, curso de origem, área prioritária, duração do intercâmbio, país e instituição de destino etc.) dos estudantes da UFMG que ingressaram no CsF no ano de 2013 (N=1538), e que se tornaram nosso universo inicial de sujeitos. A partir dessa planilha, obtivemos – junto à Diretoria de Relações

¹⁴ Comissão Permanente do Vestibular da UFMG, órgão vinculado à Pró-reitora de Graduação. Agradeço à Brésia Franca Nonato, pesquisadora que disponibilizou dos dados da COPEVE.

¹⁵ Agradeço a Alice Lopes, pela disponibilização da planilha do CNPq, bem como à DRI, pela disponibilização dos contatos dos estudantes.

Internacionais (DRI) da UFMG – os endereços eletrônicos desses estudantes, possibilitando assim, a posterior realização da coleta de dados primários.

3.2.2 A COLETA DOS DADOS PRIMÁRIOS

Os dados primários foram obtidos diretamente com os sujeitos da investigação, por meio de um questionário com 26 questões fechadas e 34 questões abertas, aplicados a uma amostra dessa população, por meio de “Amostragem Aleatória Simples”. Ressalta-se que o que define a amostragem simples são as características homogêneas da população pesquisada. Ex: todos são estudantes da UFMG; são estudantes que participaram de um mesmo programa de mobilidade; fazem parte do mesmo recorte temporal. Desse modo, a amostra principal da pesquisa constituiu-se de 508 estudantes que responderam os questionários fechados e abertos.

3.3 A ANÁLISE DE DADOS

A análise das questões abertas da pesquisa revelou um nível considerável de dados sobre as expectativas dos intercambistas quanto ao impacto da internacionalização acadêmica na formação profissional e na carreira. E, fundamenta-se, na conceituação de Medri (2011) sobre as pesquisas qualitativas, definidas como aquelas que assumem “valores” em categorias ou classes, e representam dados não numéricos que oferecem um vasto espectro de aplicação nas ciências sociais. Além de denotarem características individuais das unidades analisadas, o tratamento das variáveis qualitativas permite estratificar as unidades para serem analisadas de acordo com outras variáveis, possibilitando uma visão mais global do dado em relação todo.

Para a análise dos dados contidos nas questões abertas do questionário, adotaram-se as técnicas da análise de conteúdo, conforme Laurence Bardin (1979) e Minayo (1998). Para essas autoras, a análise de conteúdo na perspectiva categorial temática orienta a descoberta dos núcleos de sentido que compõem uma comunicação e sua presença ou frequência pode ser significativa para o objetivo analítico perseguido, dando lugar à análise interpretativa. Desse modo, opera-se por etapas, desmembrando o texto em unidade e em categorias para reagrupamento analítico posterior, em dois momentos: o inventário ou isolamento dos elementos e a classificação ou organização das mensagens a partir dos elementos repartidos. Para tais premissas qualitativas trabalhou-se com “o significado conceitual” contido nos relatos escritos, destacando as informações relevantes que pudessem acrescentar maior verossimilhança aos dados explorados.

4. DISCUSSÕES DOS RESULTADOS

A análise dos dados qualitativos incidiu sobre um conjunto sistematizado de categorias estabelecidas após a compilação dos dados. Observou-se e considerou-se categorias, aquelas que se manifestaram sobre o tema “formação profissional e desenvolvimento

da carreira”: a) a opção pelo país, b) a universidade de destino¹⁶, c) o estabelecimento de networkings (capital social), d) a aprendizagem de língua estrangeira para o aprimoramento profissional, e) a influência familiar, f) a possibilidade da pós-graduação, referindo-se à especialização para a carreira de pesquisa e docência universitária e, por fim, g) o contato com diferentes culturas.

De acordo com a análise do extrato de respostas dos pesquisados, sistematizaram-se as menções sobre o impacto dos estudos internacionais proporcionados pelo CsF na profissão e carreira dos pesquisados. Além dessas categorias, observou-se que, a maior parte dos entrevistados pontuou a perspectiva do crescimento pessoal, ao acentuar a relevância do intercâmbio como um importante degrau para seu desenvolvimento acadêmico e cultural, como se depreende dos depoimentos abaixo:

O intercâmbio acrescentou, não somente academicamente, como profissionalmente, mas também me proporcionou um crescimento pessoal inimaginável. (Aluno do Curso de Arquitetura e Urbanismo)

O CsF foi uma experiência única para mim e me ajudou a me desenvolver pessoal e profissionalmente: passei em todas as matérias, escrevi um artigo bem bacana que foi publicado em um congresso em Madri, participei de um projeto de desenvolvimento de produto (IDPS), tirei o DELE¹⁷, conheci diversas culturas, me tornei mais patriota, passei a querer, ainda mais, mudar e ajudar o país em que vivo, etc. (Aluna do Curso de Eng. de Produção)

Novos aprendizados, uma nova experiência profissional, um novo idioma, uma nova cultura, uma outra experiência de vida, muita história para contar, enfim, eu pensava que intercâmbio era somente estudar em outro país. Sim, esse é o objetivo principal, mas com ele existem muitos outros e com inúmeras ramificações. Sem dúvida posso dizer que volto outra pessoa para o meu país, família e universidade. Enfim, o intercâmbio acrescentou não somente academicamente, como profissionalmente, mas também me proporcionou um crescimento pessoal sem igual. Retornaria uma outra pessoa. (Aluno do Curso de Arquitetura e Urbanismo)

Fiz alguns amigos na faculdade que passaram por intercâmbio internacional. Todos me falaram muito bem da experiência, então, depois de pesquisar e ouvir muitos relatos, decidi fazer um intercâmbio visto que seria de extrema valia, tanto para o campo pessoal, quanto profissional. (Aluno do Curso de Fisioterapia)

O CsF é um programa de importância sem igual, pois possibilita aos estudantes o conhecimento de diferentes culturas e a vivência de novas experiências, além de contribuir com a formação como profissional e possibilitar crescimento como pessoa. (Aluno do Curso de Farmácia)

Sempre tive o desejo de conhecer e morar em outro país, e quando se está na faculdade buscando por um espaço no mercado de trabalho, experiências como essa contam muitíssimo para uma aprovação. Sendo assim, pude unir algo que sempre desejei fazer, mas infelizmente, não tinha condições, com algo que faria a diferença na minha formação e carreira. (Aluno do Curso de Eng. Aeroespacial)

O impacto desse processo de internacionalização da formação é, do mesmo modo, frequentemente lembrado nos depoimentos como uma experiência extremamente

¹⁶ Países e Universidades conveniados ao Programa Ciência sem Fronteiras.

¹⁷ Diplomas de Espanhol como Língua Estrangeira (DELE)

positiva e promissora para a carreira profissional, concebida em articulação com a condição do desempenho pessoal e acadêmico:

Para mim, esta experiência foi super válida! Não apenas no meu crescimento como profissional, mas também pessoal. (Aluno do Curso de Matemática).

Como toda a experiência, aprendi muito como também consegui definir novos parâmetros na minha vida profissional. (Aluno do Curso de Fonoaudiologia).

Foi uma experiência engrandecedora tanto no sentido profissional, quanto pessoal. (Aluno do Curso de Arquitetura e Urbanismo).

É uma grande oportunidade de troca de conhecimento, de vivência, de crescimento pessoal, profissional. Essa experiência oferecida pelo CsF não tem preço. (Aluno do Curso de Fisioterapia).

É notória, por sua vez, a percepção pragmática dessa experiência com relação à perspectiva de futuro profissional, como se lê abaixo:

Irá me ajudar no futuro profissional porque é uma grande oportunidade de crescimento pessoal e profissional. (Aluno do Curso de Design).

Sáímos daqui pessoas completamente diferentes do que chegamos. Mudamos nossa visão de mundo e alcançamos maior amadurecimento pessoal e profissional (Aluno do Curso de Fonoaudiologia).

Sim, pode ser útil profissionalmente no futuro. (Aluno do Curso de Eng. da Produção).

A experiência mais enriquecedora que eu poderia ter, tanto profissionalmente, quanto pessoalmente. (Aluno do Curso de Eng. Química).

Sim, considero uma oportunidade ímpar, penso que todos deveriam ter acesso. É um crescimento em todos os âmbitos, pessoal, profissional, cultural e educacional. (Aluno do Curso de Eng. da Automação).

Escolhi fazer intercâmbio porque vi essa oportunidade como uma chance de enriquecer minha carreira profissional e meus conhecimentos. (Aluno do Curso de Estatística).

Sem dúvida é um programa que propicia uma incrível experiência, e se levada a sério, consegue bons frutos para a carreira profissional. (Aluno do Curso de Matemática Computacional).

Para se entender o papel da categoria “País de destino” na constituição das motivações relacionadas à perspectiva profissional, é preciso atentar para o fato de que a escolha de país de destino em um intercâmbio não é aleatória. Há, inclusive, um ranqueamento entre os países que mais acolhem estudantes no mundo. Estudiosos do fenômeno como Altbach e Engberg (2014), Ruano-Borbalan (2011), Darchy-Koerchlan (2011), Ballatore (2007; 2008a) e Ballatore e Blöss (2007; 2008), Wagner (1998), Knight (2005) e Filippetti (2007), Larsen e Vincent-Lancrin (2002), Erlich (2012) discutem as direções que tomam os fluxos estudantis internacionais, os quais refletem as relações de dominação econômica e cultural entre países. Como referido anteriormente, é comum aos países do Sul e alguns da Ásia enviarem seus estudantes para países economicamente desenvolvidos, vislumbrando uma formação que compreende tanto a qualificação profissional e técnico-científica, quanto a proficiência em idiomas, sobretudo, o inglês.

No exame das expectativas que motivaram os pesquisados a se candidatarem a um programa de mobilidade, observou-se que eles levam em consideração a relação entre sua área de formação profissional e o país de destino, demonstrando um conhecimento do próprio campo de formação e pesquisa, como se pode ler nos depoimentos abaixo:

A Alemanha foi uma escolha própria, pois tenho muita admiração pela história do país e sei que atualmente é muito forte na minha área de formação profissional. Estudo alemão desde o primeiro período da faculdade, pois sempre tive como objetivo fazer um intercâmbio neste país. Minhas expectativas eram boas e foram atendidas. (Aluna do Curso de Engenharia Elétrica).

Escolhi meu país de destino baseado em sua importância para minha área de estudos. Sei que será importantíssimo para minha carreira (Aluno do Curso de Engenharia Mecânica).

Porque a Alemanha é um polo muito importante para a minha área de profissionalização. Foi uma escolha própria. A cultura daqui (Alemanha) é muito diferente, inclusive no que se refere às relações interpessoais. (Aluno do Curso de Engenharia Química).

Escolhi os Estados Unidos porque quero direcionar minha carreira para um campo específico. Campo, esse, que os Estados Unidos é o melhor do mundo. (Aluno do Curso de Engenharia da Produção).

O destino para a Itália teve a ver com o objetivo de pesquisa. Berço da reforma psiquiátrica, a Itália influenciou em grande parte a história da psiquiatria mineira. Neste sentido, estudar hoje os serviços de lá, promoveria uma ampliação de nosso know-how.¹⁸ (Aluna do Curso de Psicologia).

Escolhi os EUA porque já tinha facilidade com a língua nativa do país. Além disso, o investimento em pesquisa científica é enorme (minha área de interesse profissional). Tudo o que eu sabia sobre o lugar é o que a gente vê em filmes. A maioria das coisas realmente foi o esperado. (Aluna do Curso de Engenharia Química).

Escolhi o Reino Unido como opção, porque adoro a cultura do país e pela localização (Europa) e língua. Uma professora da UFMG me indicou a universidade. A universidade é muito boa, acredito que será ótimo para minha vida profissional. (Aluna do Curso de Engenharia da Produção).

As universidades de destino,¹⁹ por sua vez, constituíram-se em uma categoria de análise estreitamente ligada à formação profissional e oportunidade de crescimento na carreira. Os depoimentos dos pesquisados repercutiram o apreço à reputação dessas instituições, muitas vezes, citando rankings internacionais e desenvolvimento técnico-científico em áreas específicas.

Vale sinalizar que os rankings internacionais de classificação das instituições universitárias são reconhecidos como um auxílio para quem pretende escolher uma universidade estrangeira. Os estudantes pesquisados citaram a consulta nos rankings de maior credibilidade internacional, tais como o *Times Higher Education*, o *QS World University* e o *Academic Ranking of World Universities*, conhecido como índice de

¹⁸ Saber como (livre tradução)

¹⁹ É importante ressaltar que tanto o país de destino quanto a instituição de destino, nem sempre foram objeto de escolha, visto que houve também um processo de direcionamento involuntário para instituições que atendiam a uma demanda maior de bolsas. Essa relação dependeu de outros fatores como notas em exames de proficiência na língua estrangeira, índices de desempenho escolar, origem acadêmica, entre outros relacionados às regras de convênio entre os países.

Shanghai. De acordo com Santos (2015), há menos de uma década, os rankings universitários mundiais alcançaram um poder que tem se tomado crescente, “influenciando políticas, processos avaliativos, decisões de investimento e reestruturação institucional. No cerne da comparação global, por eles realizada, está o desempenho em pesquisa” (p. 6).

Eu fui para fazer pesquisa, as disciplinas que cursei eram na verdade seminários de pesquisa. Como trabalhava como estagiária (não remunerada, apenas ganhando a bolsa do CsF), o mais relevante mesmo foi a experiência em um outro laboratório, entender o funcionamento da pesquisa fora do Brasil, trabalhar com variáveis fisiológicas e genéticas além de neuropsicológicas (esta última de minha especialidade). Além disso, pude participar de discussões teóricas com professores PhDs, o que foi bem diferente e me ajudou a aprender bastante do método científico. Ajudei a criar um método de análise e participei da escrita de um artigo e de pôsteres científicos. (Aluna do Curso de Psicologia)

Experiência pessoal e profissional, principalmente. Além disso, já havia visitado a universidade em que estou estudando, e sempre tive como objetivo estudar aqui, pelo menos, por um tempo (mesmo antes de existir o CsF). (Aluno do Curso de Comunicação Social)

Em vários relatos os estudantes esclareceram que buscaram conhecer previamente a reputação das instituições universitárias a que se dirigiam, em função dos *rankings*:

[Eu] queria o curso de neurosciences por ser aluna de iniciação dos laboratórios de neurociências da Faculdade de Medicina da UFMG (INCT20- Medicina Molecular). E escolhi a University of Glasgow por ser top 50 das universidades europeias em alguns rankings (Aluno do Curso de Medicina).

Eu fiz uma pesquisa para descobrir qual era o melhor curso de Engenharia de Produção dentre as que estavam sendo ofertadas. Dei uma olhada na grade do curso de todas e em rankings, e acabei optando pela University of Strathclyde/UK²¹. (Aluno do Curso de Eng. de Produção).

Fiz questão de escolher uma universidade de mérito dentro da Inglaterra, levando em consideração rankings nacionais e internacionais. (Aluno do Curso de Eng. Metalúrgica).

Pesquisei bastante sobre as opções disponíveis, bem como universidades disponíveis no programa. (Aluno do Curso de Eng. Civil).

Levando em conta principalmente rankings das melhores universidades do mundo. (Aluno do Curso de Engenharia Mecânica).

Dentre as universidades que permitem entrada no semestre que eu me inscrevi University of Strathclyde/UK era a melhor em vários rankings mundiais. (Aluna do Curso de Eng. Elétrica).

O que eu sabia sobre a universidade vinha de rankings e de um ex-bolsista do CsF. Pelos rankings de respeito, a universidade [Universidade de Winsconsin] era excelente e segundo o ex-bolsista, tanto a universidade quanto a cidade eram também excelentes. (Aluno do Curso de Eng. de Automação).

Para ampliar meu conhecimento, experimentando metodologia e enfoque diferentes em uma universidade de excelência. A experiência acrescenta uma perspectiva globalizada

²⁰ Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia.

²¹ Reino Unido.

sobre a minha área de formação, concebendo uma visão crítica, realista e abrangente da sociedade, que é um grande diferencial na carreira profissional. (Aluno do Curso de Medicina).

Escolhi a Universidade de destino porque sabia que era uma ótima universidade, muito forte na minha área, com muitas oportunidades, e também por causa de um profissional que hoje em dia é considerado o melhor dos Estados Unidos na área em que eu quero trabalhar. (Aluno do Curso de Sistemas de Informação).

No que concerne aos países e instituições, para além da escolha do destino, a possibilidade de constituição de uma rede de contatos, abordada pelo campo administrativo como “*networking*”, também foi lembrada pelos pesquisados. É inegável, na análise dos depoimentos, a forte relação entre o intercâmbio e o interesse na constituição de uma rede de relacionamentos para o estabelecimento de parcerias, entre outras oportunidades, como a participação mais duradoura em projetos de pesquisa, inclusive, estágios. Na literatura, essa categoria pode ser reconhecida como uma forma de obtenção de capital social, que segundo Bourdieu (1986), consiste em um agregado de recursos, disponíveis ou potenciais, ligados à posse de uma rede de relações duráveis, mais ou menos institucionalizada, de conhecimento e reconhecimento mútuo (ou, em outras palavras, ao pertencimento a grupos); que dota cada um dos membros com o apoio do capital coletivo (BOURDIEU, 1986), como se percebe nos depoimentos seguintes:

Conheci pesquisadores e professores na minha área que me ofereceram diversas oportunidades e estão interessados em criar parcerias com pesquisadores no Brasil. Como pretendo seguir carreira acadêmica, esse tipo de contato é essencial e abre portas para o desenvolvimento tanto pessoal como científico. (Aluno do Curso de Sistemas de Informação).

Networking é indispensável para crescimento na vida profissional. (Aluno do Curso de Eng. Química)

Ainda, conforme Bourdieu (1986), as redes de relações são produto de investimentos e estratégias conscientes ou inconscientes, individuais ou coletivas, com a finalidade de estabelecer ou reproduzir relações que sejam úteis a curto ou longo prazo, e a sua reprodução exige esforços contínuos de sociabilidade.

Eu me esforcei bastante lá e, como disse, fiz estágio, o que eu acho que contribuiu bastante para o meu desenvolvimento profissional e para o meu currículo (Aluno do Curso de Biomedicina)

Uma oportunidade fantástica, eu diria. Em todos os âmbitos. Fiz um estágio de 900 horas que me proporcionou melhorar o currículo aqui no Brasil e conseguir estágios melhores, além de boas oportunidades de emprego. Além disso se conhece e convive com outras culturas, o que nos engrandece muito como pessoa. (Aluna do Curso de Eng. Elétrica)

Conheci pessoas do meu curso e do meu país, além de professores da Hungria. Podem ser muito importantes profissionalmente no futuro (Aluno do Curso de Eng. Metalúrgica)

Estabeleci muitos contatos, isto é fundamental para minha vida acadêmica e profissional. (Aluno do Curso de Medicina)

Fiz vários amigos durante o intercâmbio. Isso é ótimo tanto pessoalmente quanto profissionalmente (Aluna do Curso de Eng. Ambiental)

Em primeiro lugar, citaria o contato com outras universidades, uma oportunidade de desenvolver o nosso percurso e método de pesquisa. Segundo uma relação sadia com os maiores centros formadores de conhecimento, uma oportunidade de ampliar o contato e assim acelerar o desenvolvimento de produtos e soluções. Terceiro, contato com outras línguas. Último, experiência individual acadêmica, profissional e pessoal. (Aluna do Curso de Eng. de Automação)

É possível ler nos depoimentos abaixo que os pesquisados referiram à amizade com novos colegas e professores, citando a representatividade dessas relações tanto para a perspectiva pessoal, quanto por ser um legado que pode influenciar no futuro profissional, corroborando a literatura sociológica sobre o fenômeno da composição do capital social como jogo estratégico para as relações profissionais.

Eu conheci pessoas de vários lugares do mundo e de muitos lugares diferentes no Brasil, acho isso importante do ponto de vista profissional e de amizade também. (Aluna do Curso de Farmácia)

Fiz vários novos amigos que foram de grande importância no decorrer do intercâmbio, e que podem ser no futuro de utilidade profissional também. (Aluna do Curso de Eng. Elétrica)

Muito importante para a vida pessoal e profissional, porque abre novas oportunidades e me permite conhecer pessoas novas. (Aluno do Curso de Eng. de Automação)

Com certeza, dos colegas e amigos aos professores e orientadores. Esse é, talvez, o legado mais importante que terei, pois, uma boa rede de contatos (um bom Networking) é de extrema importância para um profissional bem-sucedido. (Aluna do Curso de Eng. Elétrica)

Sem dúvida nenhuma, foi a oportunidade de mudar minha vida, e tenho confiança pra dizer que minha carreira profissional não seria a mesma sem essa experiência na Austrália. Todo o aprendizado, networking, experiências proporcionadas pelo programa fazem do CsF algo único com possibilidades que eu considero praticamente ilimitadas. (Aluna do Curso de Eng. Elétrica)

Sim, diversos contatos, tanto no que concerne amigos quanto contatos profissionais no que diz respeito ao estágio que pude fazer dentro da universidade. (Aluno do Curso de Eng. Civil)

Minha rede de contatos nunca foi tão grande e tão boa. Acredito que além das amizades que fiz aqui, os meus professores serão ótimos contatos para minha carreira. (Aluna do Curso de Eng. Ambiental)

Sim. Tenho um grande número de amigos aqui e contatos profissionais, o que é muito importante para a minha carreira, pois sempre terei a assistência deles, assim como portas abertas. (Aluna do Curso de Eng. Elétrica)

Outra perspectiva frequentemente relacionada à formação profissional e investimento na carreira decorre da percepção de que a língua estrangeira, embora seja uma condição fundamental para o intercâmbio, é, ao mesmo tempo, um objetivo da mobilidade acadêmica, tendo em vista seu aprimoramento. Uma ampla maioria dos estudantes pesquisados (cerca de três quartos) declararam grande capacidade em leitura e compreensão da língua inglesa, porém afirmaram a necessidade de melhorar a fluência e alcançar um bom nível de conhecimento no idioma dominante em seu campo científico e profissional, como reflete abaixo a fala de uma estudante do Curso de Engenharia de Automação

Escolhi os EUA pela língua, sempre quis me tornar fluente em inglês, o que acho que será fundamental para minha carreira. Não sabia muito sobre a universidade pois fui direcionada para ela, mas estou gostando bastante.

Outros estudantes associaram o intercâmbio à escolha de um país que favorecesse a obtenção de uma língua estrangeira que estivesse diretamente relacionada à formação profissional e com as oportunidades na carreira. Essa relação entre a escolha do país e língua foi estudada no contexto do programa Erasmus²² por BALLATORE (2008), a qual concluiu que é flagrante o desequilíbrio na escolha dos países em função da língua, o que faz da Grã-Bretanha o primeiro destinatário dos deslocamentos de estudantes da União Europeia. Essa mesma estudiosa declara que há uma notável “hierarquia linguística no mundo com certa supremacia da utilidade do idioma Inglês” (BALLATORE, 2007, p. 75). Como exemplo, ela revela que, aos olhos dos organizadores do programa Erasmus, a escolha, pelo candidato, por um país anglófono se reveste de alto valor, fazendo com que esses estudantes sejam os primeiros a serem selecionados. Sem falar no fato de que a língua inglesa ganha cada vez mais proeminência como língua da comunidade científica em razão de seu papel na disseminação da ciência (ROBERTSON, 2012, p. 438).

A autora Laurie Endrizzi (2010), outra estudiosa do Programa Erasmus, considera que, a principal motivação do candidato à esse Programa de mobilidade, reside na oportunidade da experiência e prática de uma língua estrangeira. Ainda no que concerne ao Erasmus, as pesquisas detectam que os estudantes contemplados apresentam um nível elevado de competência em línguas estrangeiras e desejam frutificar esse capital: em torno de 75% se declararam proficientes em três línguas e 32% em quatro ou mais (SOUTO-OTERO et al., 2006).

De maneira geral, a maior parte dos estudantes pesquisados reconhece o papel chave que a obtenção de uma língua estrangeira desempenha nesse movimento migratório, que em termos de uma competência inicial, esperada ou requerida está vinculada à perspectiva da vida profissional. Os depoimentos abaixo corroboram os estudos citados:

Eu escolhi a Irlanda, por se tratar de Inglês que é de fato muito importante para qualquer profissional. (Aluna do Curso de Eng. Civil)

Trata-se de uma experiência incrível que permitiu com que eu me tornasse fluente no inglês, algo essencial para a minha carreira profissional (Aluna do Curso de Eng. Elétrica)

Escolhi país de língua inglesa, pois é essencial para minha carreira.(Aluna do Curso de Farmácia)

Experiência pessoal, desenvolvimento nas habilidades linguísticas e profissional. (Aluna do Curso de Eng. Civil)

Foi uma experiência incrível que permitiu com que eu me tornasse fluente no inglês, algo essencial para a minha carreira profissional (Aluna do Curso de Eng. Civil)

As famílias também mostram-se como apoiadoras do intercâmbio. Repercutem-se nas entrevistas, expressões que corroboram expectativas da família pela melhoria das oportunidades relacionadas à profissão e carreira. Conforme Nogueira, “as famílias que

²² Trata-se de um amplo programa de mobilidade acadêmica intitulado *European Region Action Scheme for the Mobility of University Students*, (ERASMUS).

mantêm, no lar, um clima favorável ao contato direto e continuado com os modos de vida e costumes estrangeiros são mais aptas a produzir indivíduos predispostos a aceitar – e até mesmo a procurar – experiências de alteridade cultural” (NOGUEIRA, 2007, p. 24).

Meus pais esperam que, além de evoluir profissionalmente, eu aproveite pessoalmente meu tempo aqui. (Aluna do Curso de Farmácia)

A reação da minha família foi muito boa, sabiam que era uma oportunidade única pra mim a qual seria muito importante no futuro pessoal e profissional. (Aluna do Curso de Enfermagem)

Minha família acredita que essa oportunidade será ótima para meu futuro profissional. (Aluna do Curso de Radiologia)

A família apesar de ser contra a experiência de morar do outro lado do mundo por um ano, aceitou e apoiou já que era um investimento na minha carreira profissional. (Aluna do Curso de Engenharia Química)

Minha família acredita que isso fará grande diferença na minha vida pessoal e profissional. (Aluna do Curso de Fonoaudiologia)

A pergunta sobre “o porquê da opção pelo intercâmbio”, trouxe como perspectiva de análise a categoria: oportunidade de crescimento acadêmico com vistas à Pós-graduação, já que evidenciou a relação intrínseca entre a especialização acadêmica e formação profissional nos depoimentos apresentados a seguir:

Sim. Porque é uma oportunidade de poder retornar e cursar uma pós-graduação, além do contato profissional. (Aluno do Curso de Eng. Metalúrgica)

Sim, tanto socialmente quanto profissionalmente. Isso é muito importante tendo em vista que gostaria de fazer pós-graduação no exterior para alavancar a minha carreira (Aluna do Curso de Arquitetura e Urbanismo)

Boa chance de crescimento acadêmico e profissional (Aluno do Curso de Medicina)

Para crescimento pessoal e interpessoal, ao entender uma sociedade com cultura tão distinta da cultura brasileira; e crescimento acadêmico-profissional, por estudar em uma das maiores e melhores universidades japonesas. (Aluno do Curso de Eng. de Automação)

Vários foram os motivos: experiência pessoal, cultural, acadêmica e profissional. Oportunidade de melhorar um idioma estrangeiro, de ter contato com excelentes universidades no exterior e até mesmo "*networking*" para o futuro (Mestrado, Doutorado). (Aluna do Curso de Engenharia Civil)

Do mesmo modo, a carreira acadêmica também foi lembrada como factível desdobramento de uma pós-graduação almejada a partir das experiências do intercâmbio, como se lê nos depoimentos abaixo:

Isso é de grande importância, por tenho um grande interesse em seguir carreira acadêmica e pretendo fazer uma pós-graduação no exterior, possivelmente retornando ao local onde fiz o estágio. (Aluna do Curso de Eng. Elétrica)

Experiência em diversas áreas dentro da universidade. Participação em pesquisas e monitoria. Acredito que essas são experiências riquíssimas a minha vida profissional, já que pretendo seguir carreira acadêmica. (Aluna do Curso de Eng. Mecânica)

Por fim, os estudantes elegeram as experiências culturais como aliadas da formação profissional e da carreira. Citando o conhecimento e a vivência de uma cultura diferente como contribuições para o desenvolvimento pessoal e cultural, os entrevistados deixaram claro que essa era uma das dimensões do intercâmbio que sempre esteve articulada à formação profissional e aprimoramento da carreira.

Foi muito proveitoso, conheci outra cultura, percebi o quanto os alemães e colegas leste-europeus são focados e dedicados. Tive um bom desempenho, me dediquei, estudei e fui aprovada nas disciplinas que cursei com notas boas. Me formei em dezembro de 2013 e estou empregada na empresa em que estagiei quando retornei do intercâmbio. Acredito que o intercâmbio foi muito bom para meu desenvolvimento pessoal/acadêmico/profissional. (Aluna do Curso de Eng. Civil)

Porque eu queria vivenciar uma cultura diferente, aprimorar o inglês, conhecer a realidade das universidades do exterior, complementar minha formação profissional (Aluna do Curso de Ciências Biológicas)

Intercâmbio contribui não só para o nosso desenvolvimento pessoal e cultural, mas também para o nosso desenvolvimento profissional. (Aluno do Curso de Geologia)

Estudiosa do fenômeno da mobilidade estudantil, Murphy-Lejeune reconhece a mobilidade “intercultural” ou (transnacional) como o confronto do indivíduo “com um mundo desconhecido, cujas regras de navegação ele não domina”, (2003, p.61). De todo modo, trata-se de uma experiência de adaptação que expõe o indivíduo à “transição entre dois mundos diferentes”, levando-o a passar pelo status de “estrangeiro temporário”, mesmo que em seu próprio país.

A partir desta experiência pude conhecer pessoas de diversos países assim como do meu próprio país. Isto me enriqueceu tanto culturalmente quanto profissionalmente. (Aluno do Curso de Geografia)

O intercâmbio também é uma oportunidade de conhecer novas pessoas e desenvolver habilidades linguísticas e de vivência, proporcionando a compreensão de outras culturas e a adaptação a novos ambientes. (Aluno do Curso de Eng. de Automação)

De acordo com Nogueira, “a experiência de uma temporada de estudos fora do país repercute na vida desses jovens de várias maneiras” (2011, p.148). Para essa estudiosa do fenômeno, observa-se a influência da mobilidade acadêmica tanto no domínio de línguas estrangeiras, provendo proficiência para futuros exames, inclusive, os de admissão na universidade, quanto na influência nas definições de uma carreira escolar. Ademais, admite-se a ampla possibilidade de maior aproveitamento da formação quando os estudantes voltam ao país, e graças à experiência que o intercâmbio tende a proporcionar, principalmente aos matriculados no ensino superior, reconhece-se uma visão redimensionada de seu curso, o que, inevitavelmente, estende-se à perspectiva de sua formação profissional e carreira.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão da formação profissional e da carreira, quando analisada, sob o ângulo da mobilidade acadêmica internacional dos estudantes da UFMG, que participaram do CsF no ano de 2013, tal como tratado nesse artigo, evidenciou a correlação do fenômeno da formação profissional e da carreira a outras variáveis presentes no discurso dos pesquisados.

Dentro dos limites desse trabalho, ficou demonstrado que a realização de estudos internacionais é intrínseca à ampliação das perspectivas no campo profissional e da carreira, bem como se atrela ao desenvolvimento pessoal. A internacionalização da formação acadêmica foi entendida pelos pesquisados como uma oportunidade de maior proficiência na língua estrangeira, sobretudo o inglês, que como língua universal, atende às exigências globais profissionais. Do mesmo modo, revelou-se que as motivações familiares constituem uma força motivadora, que reforça a perspectiva pragmática do impacto dessa experiência no processo de profissionalização. Não menos importante, o intercâmbio mostrou-se relevante para o estabelecimento de uma rede de contatos vista como possibilidade futura de relações promissoras nos países e universidades de destino. A dimensão cultural, por sua vez, foi lembrada pelos entrevistados como um elemento fundamental no processo de mobilidade acadêmica, considerando-se maior abertura de espírito para a convivência e entendimento das relações interpessoais.

Nesse sentido, espera-se que o artigo tenha evidenciado que o impacto principal da mobilidade acadêmica na vida dos intercambistas do CsF está profundamente arraigado ao entendimento de que essa experiência é uma oportunidade de crescimento pessoal, acadêmico e cultural em profunda articulação com a formação profissional e dimensionamento da visão pessoal e da carreira. Ademais, cabe ressaltar que, a partir da leitura dos depoimentos, as fronteiras científicas foram entendidas como transponíveis, tendo em vista vínculos futuros que envolvem possibilidade de especialização e de parcerias em pesquisas internacionais.

6. REFERÊNCIAS

BALLATORE M., Blöss T., *L'autre réalité du programme Erasmus: affinité sélective entre établissements et reproduction sociale des étudiants. Formation Emploi*, nº103, 57-74. 2008a.

BALLATORE M., **L'expérience de mobilité des étudiants Erasmus: les usages inégalitaires d'un programme d'échange**: Une comparaison Angleterre/France/Italie. *Thèse de doctorat de sociologie de 3e cycle, Université Aix-Marseille et Turin*, 2007.

BALLATORE M., BLÖSS T., **Le sens cache de la mobilité des étudiants Erasmus.**, In DERVIN F., BYRAM M. (dir), *Échanges et mobilités académiques. Quel bilan?*, Paris, Éditions L'Harmattan, 17-31. 2008b.

BANKS, M., & BHANDARI, R. **Global Student Mobility.** In *The SAGE Handbook of International Higher Education*. Thousand Oaks: Sage Publications, 2012

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 1979.

Bourdieu, P. **The forms of capital.** In J. Richardson (Ed.) *Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education* (New York, Greenwood), 1986; 241-258.

BRASIL. **Decreto n. 7.642, de 13 de dezembro de 2011.** Institui o Programa Ciência sem Fronteiras. Diário Oficial da União: República Federativa do Brasil: Poder Executivo, Brasília, DF, 14 dez. 2011

BRASIL. **Programa Ciência sem Fronteiras.** Painel de Controle do Programa. Disponível em: <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/painel-de-controle>. Acesso em: 19 jan., 2019.

DARCHY-KOECHLIN, B., Internacionalização da formação. In: ZANTEN, Agnès van (Coord.) **Dicionário de Educação.** Petrópolis, Vozes, p. 521-523. 2011.

- DERVIN F., BYRAM M., (orgs.), **Échanges et mobilités académiques. Quel bilan?** Paris, Éditions l'Hamattan, coll. "Logiques Sociales", 2008.
- ENDRIZZI, L., **La mobilidade Estudante, Veille Scientifique**. INRP, Dossier d'actualité de la VST, nº 5, février, 2010.
- ENNAFAA, R. **Resenha do Relatório « Les étudiants étrangers en France: l'état des savoirs »** de A. Coulon e S. Paivandi. Cahiers du Brésil Contemporain, CRBC/EHESS, n. 57/58-59/60, 2004-2005
- ERLICH V. **Les mobilités étudiantes**, Paris, La Documentation Française. 2012.
- GOMEZ, E. **Viewpoint: Brazil's education challenge**. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-latin-america-17688560>>. Publicado em: 16 de abril de 2012. Acesso em: 15 de fevereiro de 2016.
- GOMES, C.B.T. **O Programa de Mobilidade Internacional "Ciência sem Fronteiras" na Perspectiva das Desigualdades de Oportunidades Educacionais**. Faculdade de Educação. UFMG, 2016. 203f.
- GÜRÜZ, K. **Higher Education and International Student Mobility in the Global Knowledge Economy**. Albany: State University of New York Press, 2011.
- KIM, J. Economic analysis of foreign education and students abroad. **Journal of Development Economics**. n.56. pp.337-365, 1998.
- KNIGHT, J. Cinco verdades a respeito da internacionalização. **Ensino Superior Unicamp**. Entrevista. Disponível em: <https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/internacional-highereducation/cincoverdades-a-respeito-da-internacionalizacao>. Acesso em: 20 nov. 2018.
- KNIGHT, J. Internationalization remodeled: definition, approaches, and rationales. **Journal of Studies In International Education**. Sage Publications, v.8, n.1, 5 – 32, spring 2004.
- MEDRI, W. **Análise Exploratória de Dados**. Centro de Ciências Exatas. Departamento de Estatísticas. Universidade Estadual de Londrina, Paraná, 2011.
- MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 5. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1998.
- MOROSINI, M. C. Estado do conhecimento sobre internacionalização da educação superior – Conceitos e práticas. **Educar**. Curitiba, n. 28, p. 107-124, 2006.
- MURPHY-LEJEUNE, E. **L'étudiant européen voyageur: um nouvel étranger**. Paris: Didier, 2003 (cf. Ennafaa, 2004-2005, p.324-325)
- NOGUEIRA, M. A. **A construção da excelência escolar – um estudo de trajetórias feito com estudantes universitários provenientes das camadas médias intelectualizadas**. In: NOGUEIRA, M. A., ROMANELLI, G., ZAGO, N. (orgs.). **Família & Escola – trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. Petrópolis: Vozes. 2011
- NOGUEIRA, M. A. **Cosmopolitismo científico e escolarização dos filhos - o caso das famílias de ex-bolsistas no exterior**. Relatório Final de Pesquisa- CNPq, 2007.
- ROBERTSON, S. e VERGER, A. A origem das parcerias público-privadas na governança global da educação. **Educação e Sociedade**, v. 33 n.121, out-dez 2012, 11331156. 2012.
- RUANO-BORBALAN, J. C. **Globalização**. In: VAN ZATEN; A. **Dicionário de Educação**. Ed. Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro: 2011. p. 440-445.
- SOUTO OTERO M. & MCCOSHAN A. **Survey of the Socio-Economic Background of Erasmus Students**. Bruxelles: Commission européenne, 2006.
- SPEARS, E. O Valor de um Intercâmbio: Mobilidade Estudantil Brasileira, Bilateralismo & Internacionalização da Educação. **Revista Eletrônica de Educação**, 2014: 151-163.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Diretoria de Relações Internacionais. **Relatório de Gestão 2010-2014**. Belo Horizonte, 2014.

Data da submissão: 01/04/2019

Data da aprovação: 08/08/2019